



BILBAU — HOSPITAL CIVIL.

BILBAU é a povoação mais importante, mais aprasiavel e porventura mais opulenta de Biscaya.

O seu prospecto é summamente agradável; as ruas são tiradas a cordel, e esmeradamente calçadas, as casas bem construídas, os passeios vastos e amenos, e finalmente, por toda a parte se observa o maior accio e cuidado, o que muito concorre para desde logo se formar a mais lisongeira idéa da terra e dos moradores.

Muito ha que vér n'esta povoação, limitar-nos-hemos, porém, a indicar os edificios e cousas mais notaveis.

Entre os templos sobresae a insigne basilica de Santiago, a mais antiga das parochias de Bilbao. E de fundação immemorial, e consta que no ultimo quartel do seculo 14.<sup>o</sup> fôra melhorada e ampliada, construindo-se posteriormente o côro, o atrio e o claustro do Anjo. Compõe-se de tres naves e treze capellas. O presbyterio é de marmore e o frontal e tabernaculo do altar-mór de prata. Devem tambem visitar-se a parochia de Santo Antonio Abbade, fundada no seculo 15.<sup>o</sup>, que consta de tres naves, a igreja de S. João, com uma boa fachada greco-romana, e a de S. Nicolau de Bari.

O hospital civil, que a nossa gravura representa, é talvez, é de certo, o monumento que faz mais honra a Bilbao, e de que esta villa mais deve gloriarse. Deu-se principio á sua edificação em 1818, sendo o risco da obra traçado pelo habil architecto D. Gabriel Benito de Orbegozo. É um parallelogramo rectangulo, e consta de quatro frentes, tendo a fachada principal em um dos lados menores. Compõe-se o portico de quatro columnas, que sustentam uma cornija com triglifos e outros adornos proprios da ordem dorica. No friso, sobre o intercolumnio do centro, ha uma lapida, com a respectiva inscripção, corôada pelo escudo das armas da villa. A fachada que acompanha a rua direita mede 235 pés em comprimento. A distribuição interior corresponde ao que deve esperar-se do severo aspecto do monumento. As enfermarias são bem ventiladas e a todos os respeitos excellentes. O amphitheatro, a capella, a botica, são dignas de particular exame; e segundo a opinião dos que tem visitado Bilbao, é impossivel exceder-se a solitudine, o disvello, a caridade com que os enfermos são ali tratados e assistidos de todo o necessario. Custou este edificio a avultada somma de 100:000,000 réis. A administração dos consideraveis fundos d'este hospital está encarregada á junta da caridade.

Não menos digno de mencionar-se como estabelecimento de caridade, é o hospicio ou casa da Misericordia. Expulsos os jesuitas, por alvará de Carlos III, foi supprimido o collegio de Santo André, que pertencia aos ditos padres, e onde se dedicavam á educação da mocidade que ali concorria em grande numero. Tratou-se de tirar o partido possivel do abandonado edificio, o que de feito se conseguiu, convertendo o templo em parochia, e o collegio em hospicio, fazendo-se-lhe as obras indispensaveis. Esta casa conserva-se em optimo estado, e n'ella recebem alimento e soccorros abundantes muitos pobres, sendo consideravel o numero dos que na mesma residem, e se empregam em varios misteres, para o que se construíram e organizaram as convenientes officinas. As creanças de ambos os sexos recebem ali educação esmerada e christã, destinando-se os varões ao exercicio dos differentes officios. Ha tambem uma sala de expostos ou engeitados, onde estes são recebidos e depois entregues, para serem criados, a amas de fóra: todas as despesas correm por conta da municipalidade.

Passando aos espectaculos publicos encontramos apenas em Bilbao digno de particularisar-se o theatro, que se começou em 1833, concluindo-se no seguinte anno. É decorado com bastante gosto, e reúne todas as condições desejaveis em estabelecimentos de similhante natureza n'uma terra de provincia.

A junta provincial (*ayuntamiento*) reúne-se em um vasto e soberbo palacio. Na sala das deliberações admira-se uma excellente pintura que representa a Conceição de Maria Santissima. No resto do edificio acham-se estabelecidas a junta e tribunal de commercio, os archivos, e uma extensa galeria com os retratos dos reis. O grande terreiro interior serve de mercado de cereaes.

A praça nova principiou-se a edificar em 31 de dezembro de 1829. Tem de comprimento 234 pés e 196 de largura. É formada de graciosas arcadas, apresentando em cada um dos lados maiores, 18 arcos e 14 nos menores, de fórmula e dimensões iguaes, todos sustentados por columnas doricas. Em um dos edificios que circumdam esta formosa praça funciona a corporação municipal.

A praça velha é sómente notavel por ser onde se faz o mercado de comestiveis, que ali se encontram de uma abundancia e baratesa incriveis.

A ponte de Santo Antonio é antiquissima, e distingue-se pela sua solidez, e atrevida construcção.

O cemiterio não é dos menos curiosos monumentos de Bilbao; concluiu-se em 1830.

Um portal adornado de columnas doricas, sobrepujado de uma cruz e outros emblemas proprios do logar, dá ingresso ao mencionado cemiterio, que é um vasto parallelogramo rectangulo de 232 pés de comprimento sobre 180 de largura, comprehendendo extensas galerias, alguns sepulchros de merecimento, e um deleitoso jardim no centro. Em frente da entrada vé-se a capella, que é de uma architectura severa e elegante.

Poucas povoações haverá na peninsula que contemham tão grande numero de vistosos passeios publicos como Bilbao. O do Areal abrange sete ruas largas e compridas e tres menores, todas orladas de frondosos robles, acacias, platanos, e outras arvores; tres jardins engradados; e é illuminado á noite com candieiros de reverbero sustentados por airosos candelabros de ferro. O de Santo Agostinho não é menos aprazivel; começa nas ruinas do convento d'esta invocação, e segue pela margem do rio; tem uma rua de quatro mil pés de extensão, guarnecida de um lado e outro de bonito e copado arvoredado. Além d'este conta Bilbao outros passeios propriamente ditos, e algumas ruas arborisadas.

Os habitantes de Bilbao distinguem-se pela sua cortezia e generosidade; são honrados, activos, laboriosos e emprehendedores. A sua bravura nunca se desmentiu, e ninguem ama com mais sinceridade a sua patria. As mulheres são extremamente acieadas, e cuidadosas no arranjo de suas casas e familias. Religiosas e castas observam no seu trajar a maior compostura e decencia.

Não é Bilbao desprovida de institutos de publica instrucção; além de uma escola de latinidade, existem estabelecidas cadeiras de mathematica, linguas vivas e desenho, afóra as cadeiras sufficientes de instrucção elementar, que são bastante frequentadas.

O commercio d'esta importante povoação em outro tempo immenso, quando alimentado por uma poderosa marinha, acha-se em bastante decadencia, para o que não tem concorrido pouco as circumstancias geraes da Hespanha quasi constantemente lacerada pelas guerras civis: comtudo ainda é bastante consideravel, sendo o principal genero da sua exportação a lã; importa ferro, sedas, tecidos de algodão e bacalhau.

Encontram-se em Bilbao algumas manufacturas interessantes; mas a sua principal industria é a de construcções navaes, que ali se fazem com a maior perfeição e solidez, sendo tambem a que se acha n'uma situação mais vantajosa.

Bilbao deve a sua fundação ao senhor de Biscaya D. Diogo Lopes de Haro, que no primeiro anno do seculo 14.<sup>o</sup> expediu um privilegio a favor dos moradores de algumas casas que existiam sobre as margens do Nerbion ou Ibaizabal, para que fundassem uma povoação. Confirmou e ampliou aquella carta de privilegios ou *foral* D. Fernando o *emprazado*, devendo-se-lhes por consequencia o principio da formosa villa que descrevemos. Conservou ella o nome de Bilbao por que era conhecido desde tempo immemorial o sitio em que foi edificada, e onde se achavam a ponte de Santo Antonio e a igreja de Santiago. O primeiro monarcha que a visitou foi D. Alfonso XI em 1334, o qual ordenou que não pudesse nunca ser alienada da corôa, e que se lhe fizessem muralhas, destinando para isso 1,500 mavedis em cada anno até prefazer a somma de 7,500.

Dos transtornos que em tudo e por toda a parte se observavam no seculo 14.<sup>o</sup> não foram isentas as provincias vascongadas, nem tão pouco Bilbao. De-sencadeadas as paixões, senhores os poderosos da força, o povo sem amparo e protecção, viam-se por toda a parte incendios, assassinatos, roubos, quantos crimes é capaz de commetter o homem, quando se olvida das santas maximas do christianismo, ou quando não ha para lhe reprimir os excessos uma auctoridade com verdadeiro prestigio e influencia. Corria o sangue abundantemente dentro e fóra das muralhas de Bilbao, pois ás causas que acabamos de indicar, e que eram communs ás tres provincias e a toda a nação, accresciam n'esta villa os disturbios suscitados por occasião das eleições para a junta provincial. Quiz el-rei D. João II pôr termo a tantos escandalos e horrores, e expediu um privilegio, approvando a concordia que entre os diferentes partidos se havia tratado, e impondo severos castigos a quem quer que levantasse novas discordias, aos que n'ellas tomassem parte, e aos que se introduzissem armados na villa.

Não foram as domesticas discordias os unicos males que affligiram esta villa. No mesmo seculo em que se fundara, e no principio do seguinte fizeram extragos da maior consideração as inundações. Repetiram-se estas de uma maneira espantosa no seculo 16.<sup>o</sup>, causando damnos incalculaveis, e sendo destruidos muitos edificios e até ruas inteiras.

Entretanto a prosperidade de Bilbao foi em augmento, e cresceu de ponto sob a protecção dos reis catholicos. Melhoraram-se as suas ruas, construíram-se novas casas, e alargaram-se os limites da povoação, demolindo-se para esse fim a antiga cêrca, que a differença de tempos e costumes tornára desnecessaria.

Perturbaram a paz d'esta villa desagradaveis occorrencias no decurso dos seculos 16.<sup>o</sup>, 17.<sup>o</sup> e 18.<sup>o</sup>, procedidas de se pertenderem levar a effeito certas disposições contrarias ás isenções e franquezas de que sempre gosaram os vascongados.

Declarada a guerra com a republica, foi esta villa occupada pelas tropas francezas no anno de 1796. Livre Bilbao do dominio estranho em consequencia do tratado de S. Ildefonso, viu d'ali a poucos annos atear-se a discordia dentro dos seus muros com o pretexto de ter querido o senhorio impôr direitos sobre alguns artigos de importação, que eram applicados para a construcção de um novo porto que em obsequio a Godoy se devia chamar da Paz. Este motivo popular, é conhecido no paiz pelo nome de Zamacolada, por chamar-se Zamacóla o que o promovêra.

Rebentando a gloriosa guerra da independencia, armou-se e levantou-se Bilbao em defesa de tão sagrado objecto. Caiu sobre ella o exercito francez, cuja superioridade numerica pôde mais que a valorosa resistencia dos que derramaram o seu generoso sangue em defesa da patria, sendo por consequencia occupada a villa novamente pelas tropas francezas, que a saquearam desapiadadamente.

Este desastre, porém, não é para comparar-se com os que lhe provieram da prolongada e terrivel guerra civil em nossos dias. Um continuado bloqueio, a perda de tantos habitantes mortos nos combates, tres cêrcos, entre os quaes se distinguiu pela sua larga duração e funestos effeitos, o de 1836, puzeram a villa de Bilbao n'uma situação embaraçosa, de que lhe tem custado a levantar-se.

Está situada Bilbao sobre as margens do rio Nervion, que os naturaes chamam Ibaizabal, aos 45<sup>o</sup> 15' de latitude de 0<sup>o</sup> 44' e longitude. Gosa de be-

nigno clima, e eleva-se apenas 12 pés sobre o nivel das aguas. Tem 900 casas e 13,000 habitantes, pouco mais ou menos.

#### FR. MIGUEL CONTREIRAS.

CRESCIAM as necessidades da pobreza ao par da diligencia e charidade de Fr. Miguel Contreiras; mas nem as dificuldades que o cercavam, nem a multiplicidade de cousas a que tinha de attender no exercicio de tão santos deveres, fizeram soçobrar o animo do venerando sacerdote; já então muitas pessoas charidosas o acompanhavam nos seus generosos esforços em prol dos desvalidos: cumpria, porém, centralisar esses esforços, organizar para assim dizer a beneficencia, de sorte que os socorros se tornassem mais proficuos, e mais regular a administração do patrimonio dos necessitados. Estas circumstancias obrigaram de certo Fr. Miguel a pensar nos meios de remediar os transtornos inevitaveis provenientes da falta de uma organização conveniente; nem descansou sem ter levado ao cabo o seu intento, creando em agosto de 1498, sob os auspicios da rainha D. Leonor, a irmandade da Misericordia de Lisboa, modelada, em parte, pela que existia em Florença desde 1350.

A Misericordia de Lisboa, a primeira de Portugal e das Hespanhas, é um glorioso monumento da piedade esclarecida de nossos maiores, e o testemunho mais incontrastavel de que o coração d'esses guerreiros robustos que arvoraram o estandarte da cruz nas muralhas de Ceuta e Tanger, que depois dobraram o cabo das Tormentas, abrindo á civilização uma nova e ampla estrada, que finalmente eternisaram o seu nome e o nome portuguez, por feitos do incrível audacia, nos mares e terras do oriente, que o coração d'esses homens, que Voltaire appellidou de *illustres piratas*, não era insensivel ás lagrimas do pobre sem amparo, da viuva desvalida, da orfã abandonada, do enfermo tolhido de dores.

Se a Misericordia de Lisboa, se as demais Misericordias espalhadas por toda a monarchia, não prestam hoje á humanidade os serviços que podiam e deviam prestar-lhe, attribui isso aos homens e não á instituição, que a não podia haver, attendendo á epocha em que foi creada, nem mais previdente, nem mais prestadia, nem mais repassada do verdadeiro espirito do christianismo. Lêde os seguintes eloquentissimos trechos do relatorio que precede o decreto de 26 de novembro de 1851, que modificou a legislação por que se regulavam os estabelecimentos de caridade em Lisboa desde 1833, e dizei-nos depois se não concordades connosco em que a instituição das Misericordias, a obra do singelo frade da Trindade, foi a mais gloriosa herança que o seculo 15.<sup>o</sup> legou aos vindouros:

«Ha seculos já (diz o relatorio) que a primitiva instituição do hospital, da gafaria, e da albergaria dos tempos feudaes fóra aperfeiçoada pela civilização christã progressivamente illustrada, e a final se formulára na mais completa de todas as instituições charitativas — a Misericordia portugueza — irmandade, cujo compromisso era um modelo, e cuja popularidade em breve tempo a fez espalhar desde a capital a todas as provincias do reino.

«Forte pela protecção real, animada pelo favor das leis, rica pelos legados de milhares de portuguezes, que de todas as partes do mundo lhe acudiam, essa admiravel e veneranda confraria acompanhou tambem depois a espada conquistadora, e o astrola-

bio descobridor da Lusitania aos mais remotos confins da terra; levando com a palavra do Evangelho as obras que não desmentiam da palavra, e que deixaram, ainda nas mesmas conquistas em que já o dominio portuguez se perdeu, a memoria indelevel da nossa piedade e da nossa misericordia.

«Nenhuma instituição social fez ainda, nem fará jámais tanto para remediar as inevitaveis desigualdades da sorte, e para fazer irmãos e iguaes diante de Deus e do Evangelho a todos os homens. Aqui não é a administração publica ou a municipal que, pelos principios da economia politica vae em auxilio dos que não possuem, do orfão e do desvalido, para que o estado tire maiores vantagens, para que o numero de contribuintes se augmente, não é a policia que manda velar nos indigentes, curar os enfermos e enterrar os mortos.

«O pensamento portuguez é todo outro, todo christão, todo evangelico; são os irmãos mais afortunados que se juntam em redor do altar do Deus das misericordias para ir em soccorro de seus irmãos infelizes; é o rico dando o braço ao pobre para o amparar; é o proprietario repartindo com o proletario; é o nobre, o grande, o dignitario do estado lavando os pés ao mendigo plebeu, curando-lhe as chagas, deitando-o em seu leito; é o pae de familias aquinhoando o pão de seus proprios filhos com o engeitado que não tem pae, adoptando o orfão para o educar, levando o alimento e os remedios ás casas da miseria envergonhada, que não ousa mendigar, fornecendo trabalho ao operario sem recursos, acompanhando piedosamente o proprio criminoso até aos tribunaes para o defender, aos degraus do throno para supplicar mercê por elle, ainda depois de convencido e condemnado, não o desamparando em fim até ás escadas do patibulo para o confortar, com a imagem do Redemptor, com a promessa do eterno perdão, no momento supremo, em que a justiça dos homens não pôde já apiedar-se.»

Não se pôde dizer mais nem melhor da piedosa fundação do humilde frade.

Outro estabelecimento de beneficencia da maior importancia, que lhe deveu incontestavelmente a existencia, recebendo d'elle os mais efficazes servicos, recommenda á veneração da posteridade a memoria de Fr. Miguel Contreiras.

É o utilissimo hospital das Caldas da Rainha, que ainda hoje felizmente existe, mandado edificar pela virtuosa rainha a senhora D. Leonor por conselho e exhortações do seu illustre confessor.

O magnifico templo da Misericordia, que o terrivel terremoto de 1755 sumiu nas ruinas, e que era situado junto da Ribeira Velha, foi, a seus rogos, começado por el-rei D. Manoel, concluindo-o D. João III no anno de 1534; a grandiosa fabrica do hospital do Roxio, começado por D. João II a 15 de maio de 1492, no qual mandára incorporar todos os hospitaes dispersos pela cidade, estava por concluir. D. Manoel, solicitado instantemente por Fr. Miguel Contreiras, cuja influencia era immensa assim na cõrte como em a cidade, ordenou que se rematasse a obra com a grandeza propria do generoso animo d'aquelle monarcha.

Em quanto a ardente charidade do venerando sacerdote amparava os desvalidos, creando os piedosos institutos que conhecemos e enumeramos, a sua palavra, e sem duvida o exemplo de tão esplendidas virtudes, trazia ao seio da igreja christã muitos dos que haviam nascido e perseveravam na religião de Moisés, e que eram então uma parte consideravel, e porventura a mais industriosa e opulenta da população de Lisboa.

Chegou o mez de janeiro de 1505, e o que não puderam trabalhos proseguidos com tão incantavel zêlo, acabaram os annos e as enfermidades suas inseparaveis companheiras. A 29 d'esse mesmo mez a morte do confessor da rainha a senhora D. Leonor, o instituidor da Misericordia de Lisboa, o amigo e o protector dos abandonados da fortuna, foi annunciada pela cidade e geralmente considerada e sentida como uma calamidade publica. E foi de feito; que homens como Fr. Miguel Contreiras não apparecem com muita frequencia no succeder dos tempos.

Sepultaram-no na capella-mór da igreja da Trindade, em sepultura rasa, sem letra ou epitaphio. O convento da Trindade, pela extincção das ordens religiosas, foi vendido em hasta publica, e provavelmente as cinzas de Fr. Miguel acham-se confundidas no alicerce de alguma edificação burgueza! . . .

Logo depois da sua morte, ordenou-se que o seu retrato fosse debuxado nas bandeiras da Misericordia; e por accordão de 15 de setembro de 1576, sendo provedor Ruy Lourenço de Tavora, que n'esse anno serviu de vice-rei da India, determinou-se que se pintasse com o habito da sua ordem, e com as letras F. M. I. Fr. Miguel Instituidor. Esta louvavel pratica foi ampliada a todo o reino e conquistas por alvará de Philippe III, passado em Lisboa a 26 de abril de 1627.



**PORCELANA DE SEVRES.**

*Vaso pyriforme, por M. H. Regnier.*

A NOSSA gravura representa um bello specimen dos magnificos productos das celebres manufacturas de Sevres, cuja reputação pôde hoje reputar-se univer-

sal. É notavel principalmente pela elegancia e novidade da fórma. Recommendamol-o, assim como outros modélos igualmente preciosos, que tencionamos publicar, á attenção dos nossos fabricantes de porcelanas, cujos trabalhos já obtiveram na grande exposição de Londres honrosa menção. Accusam geralmente os nossos operarios de falta de gosto; mas com a maior injustiça: o gosto artistico cria-se pelo estudo dos bons modélos, guiado por uma esclarecida theoria. Como pódem exigir-se dos nossos operarios estas habilitações, se até a maxima parte d'elles carece da mais vulgar instrucção technica e do conhecimento essencialissimo do desenho? Fizeram-se as pautas para proteger a industria nacional: mas a par das pautas devêra apparecer a instituição das escolas professionaes, sem as quaes as pautas são, em muitos casos, um vexame inutil. O *Conservatorio das artes e officios* nem prestou, nem podia prestar, talvez, á industria os serviços e o impulso de que ella carece.

Cabe tambem á illustre cidade do Porto a iniciativa na fundação de uma escola industrial, que, a julgarmos pelo quadro das disciplinas, deve ser excellente. Honra pois aos portuenses, sempre distintos pelo patriotismo e pela dedicação; honra e gloria á benemerita e respeitavel sociedade, que desinteressadamente poz por obra tão nobre e fecundo pensamento.

Em artigo especial trataremos mais extensamente da associação industrial portuense.

### O TROVÃO.

Era noite. Nem bafeja  
Leve, branda viração;  
Nem pios d'ave agoureira,  
Nem esses, ouvidos são.

Valles, montes, céu, e mares,  
Negro véu todos enluta;  
A natureza dissereis  
Ampla, escura, hórrida gruta.

Ou, gigante, á luz vedado,  
Subtérreo, fundo hypogeo,  
D'esses, onde a prisca idade  
Mortaes restos escondeu

Nem uma estrella no céu,  
Nem onda no immenso lago;  
Sinistro pavor, em tudo,  
Nuncio de visinho estrago.

Só, frouxo, pallido rompe,  
De quando em quando, o luar:  
Como lampada nocturna,  
Junto d'ára tumular.

Só, d'hora a hora distante,  
Na torre, d'antigo templo,  
O bronze trôa, mais alto,  
Só, da vida, agora exemplo.

Mas logo, em fundo lethargo  
De novo, torna a cair:  
Silencio, trévas é tudo,  
Nem uma folha a bolir;

Nem, d'ermo casal longinquo,  
S'escuta o canto distante,  
D'essa — qual vivo relogio,  
Sentinella vigilante.

Silencio, trévas é tudo,  
Nem bafeja viração;  
Nem pios d'ave agoureira,  
Nem esses, ouvidos são.

Nem da lua um só reflexo,  
Nem já, da visinha aldêa,  
Um som, confuso, s'escuta,  
Um só lume bruxulêa.

Como funebre ataude,  
Vestido de negra côr,  
Occulta-se, o immenso espaço,  
Em mais espesso vapor.

D'improviso, accordam euros;  
Como, em calado deserto,  
Bramíra, leão faminto,  
D'incauta presa já perto.

Fugaz relampago sulca  
A cerulea immensidão;  
Como, nocturna, brilhante,  
Agoureira exhalção.

Dispára canhão gigante!  
E o projectil, seu, electrico,  
Eis desce rapido; e perto  
O trovão ribomba tétrico

E desperta a natureza  
De sua inercia mortal;  
Tornando, de novo, á vida,  
A vida, por maior mal.

Já, humana voz s'escuta,  
O piar d'ave innocente,  
Das féras medonho ulúlo,  
O bater da onda fremente.

Vibram, mil diversas cordas,  
Sons d'estranha afinação;  
E todos — *Poder Supremo* —  
Accordes, dizendo estão!

— Que scenas d'assombro — estas!  
Abysma-se o pensamento,  
Perdida a razão, nas trévas,  
Brilha a luz do sentimento!

Mafra, 18 de outubro de 1852.

J. DA C. CASCAES.

### THOMAZ ANIELLO (MASANIELLO.)

(REVOLUÇÃO DE NAPOLES EM 1647.)

#### II.

UMA vez solto da funda quem é capaz de prever aonde irá acertar o seixo? As grandes commoções populares são o mesmo. Os padecimentos publicos preparam-nas; as repressões violentas exacerbam os ani-

mos; e um dia, qualquer cousa insignificante determina a explosão. Foi o que succedeu em Napoles. Antes das auctoridades accordarem do pasmo, que as tolheu de repente, o motim engrossando a cada hora, estava senhor da cidade, e aclamava na praça como rei da plebe o pescador de Amalfi, salvo arrastar depois o idolo, e vingar-se n'elle da obediencia que lhe prestára! O incendio das moradas dos monetarios e o armamento das companhias tinham assegurado temporariamente o imperio do povo, o primeiro pelo terror, o segundo pela força. Aproveitando estes elementos Thomaz Aniello cuidou em continuar a lucta, e em consolidar a victoria.

Quando appareceu defronte do posto militar de S. Lourenço, donde a disciplina das tropas regulares havia repellido as mangas desordenadas do vulgacho no anterior assalto, levava um corpo de dez mil homens armados, e o ataque foi dirigido com acerto, occupando-se as casas visinhas e o convento. A guarnição desfallecida pela fadiga dos repetidos rebates, e tão estreitamente bloqueada, que não pudera receber viveres, rendeu-se sem combate, entregando as armas e artilheria do deposito. É justo dizer que os vencedores não abusaram do triumpho, portando-se com humanidade, e concedendo a livre saída dos soldados hespanhoes, depois de no mercado lhes saciarem a fome que os devorava.

Conseguida esta vantagem divulgaram-se as perensões do povo; e eram ellas: extincção dos impostos lançados a contar do tempo de Carlos V; restabelecimento do privilegio original do imperador; amnistia para os implicados na revolução de 7 de julho; eleição de um popular com tantos votos, quantos eram os assentos da nobreza; entrega da fortaleza de Santelmo em penhor da boa fé do governo, e final ratificação de el-rei de Hespanha, conservando-se o povo em armas até ser publicada. A par d'estas condições nada suaves para o orgulho da auctoridade, os vencedores ainda propunham mais, que no caso de se faltar a qualquer das clausulas d'este accôrdo fosse licito em todo o tempo aos do mercado tornarem a sublevar-se sem incorrer por isso nas penas do crime de rebellião, insistindo para que de tudo se lavrassem quatro disticos em marmore, que ficassem erguidos como padrões de perpetua memoria. É claro, que do lado dos fidalgos e do governo taes propostas encontravam a maxima resistencia. Concedel-as equivalia a abater na praça a corda, e a assentir á propria abdicação. A derrota completa que mais podia arrancar-lhes, obrigando-os a tratar de potencia a potencia com o vulgacho, e a pôr nas suas mãos como refens tantos privilegios, e sobre todos a posse da cidadella?

Servia então de consultor em Napoles Julio Genovino, velho de 87 annos, ecclesiastico douto, e um dos politicos mais estimados pelo duque de Osuna durante o seu governo. O conde de Olivares detestava-o pela sua amizade leal ao antigo vice-rei, e caíndo o duque não se esqueceu de lhe dar provas do seu odio, encarcerando-o injustamente, e desterando-o depois para Oran na Barberia. Dotado de um character severo e rigido Julio Genovino não se desmentiu nos trabalhos, nem se humilhou com fraqueza. A perseguição acrisolou ainda mais as raras e singulares virtudes do seu animo. No fim de vinte e dous annos cansaram-se de o opprimir; mas elle é que nunca se fatigou de oppôr o mesmo rosto inteiro á fortuna. Voltando á patria, na idade em que se destempera ordinariamente em todos a força d'alma e a agudeza das faculdades, achava-se tão perspicaz de entendimento e tão forte de consciencia, como na epocha em que o seu conselho, igual á

acção, eram tão proficuos ao vice-rei, amigo que não trahiu nem denegou apesar das exacções. Este consultor era auxiliado nas suas funcções por oito doutores anciãos, e tinha por secretario a Marco Vitale, natural de Napoles, e não só não foi estranho, mas suppõe-se que protegeu, dirigiu em parte e estimulou o movimento popular.

As cousas peioravam entretanto a cada instante; os tumultos cresciam, e noute e dia não se ouvia nas ruas senão tambores e arruidos populares. O negocio paralisou-se, o despacho ficou suspenso, até o da camera real e do conselho, e a propria vicaria civil e crime fechou-se com receio da voz da justiça ser menos respeitada. Entre outros elementos de anarchia, formou-se um bando de tresentas mulheres armadas, e é inutil accrescentar que nada concorriam para socegar as inquietações. N'este estado não admira, que sabendo Masaniello que 600 soldados walões de Capua e Aversa vinham guarnecer o castello de Santelmo, mandasse marchar contra elles algumas das suas tropas; estas obrigaram os castelhanos a metter-se dentro da igreja de Nossa Senhora de Constantino, e cercando-a e deitando fogo ás portas, forçaram os soldados a abrir, e a deixarem-se desarmar, indo depois d'ali para o mercado aonde se alistaram ao serviço do povo.

O ultimo revez experimentado pela companhia walona acabou com as indecisões dos governantes receiosos de levarem o mal a tal extremo, que depois não pudesse remediar-se. No dia 11, o cardeal arcebispo Filomarino, tomou a iniciativa, e de intelligencia com o duque de Arcos, principiou a negociar a paz, mostrando desejos de a obter. No conselho do governo foi exposto o perigo sem disfarce, e lembrado o que succedeu em Flandres por causa do duque de Alva, o qual pelos seus rigores mettu a Hespanha em noventa annos de cruelissima guerra, derramando-se tanto sangue (dizia o cardeal,) que seria bastante para fazer um rio navegavel, e dispendendo-se tanto ouro, que excedeu o que produziram as minas de ambas as Indias. Estas razões e outras muitas persuadiram o vice-rei, que auctorizou o principe da igreja a prometter a sua approvação aos capitulos do povo, ainda que alguns lhe custassem como funestos á dignidade do poder e ao esplendor da classe nobre. O accôrdo tratou-se, e concluiu-se, retirada a clausula relativa ao perdão da revolta, porque, observou o povo, era impropria, visto nunca ter sido victoriado senão el-rei de Hespanha. O vice-rei mandou então chamar ao paço Thomaz Aniello para se firmar o concerto; e oppondo-se os amigos d'este com temor de alguma cilada, o chefe declarou que iria, uma vez que ficassem como refens da sua pessoa dous dos filhos do duque d'Arcos. Tão apertada era a necessidade que o vice-rei sujeitou-se, não oppondo a menor duvida!

A maior questão consistia em não se poder descobrir o privilegio original de Carlos V, que se tinha perdido; o cardeal arcebispo, confessando-o, perguntou a Masaniello como se havia de substituir? Em quanto se não acha, ponham em vigor o antecedente de el-rei Fernando; sei aonde está! respondeu o caudilho. Como ainda era mais amplo do que o do imperador, o cardeal sorriu-se accrescentando: não são teus, mas de Deus, taes accôrds!

Mas no fundo da apparente submissão do poder estava a cilada. A nobreza ressentida via nas capitulações ajustadas a offensa e o abatimento da sua influencia. Abolidos os impostos, rescindidas ficavam desde logo tambem as arrematações contratadas sobre elles; e seccava-se a fonte copiosa dos seus rendimentos. Accrescia, que se achava comprehendida nas

penas cominadas aos negociantes de tributos em virtude do privilegio de Carlos V, estendendo-se a acção igualmente aos monetarios nacionaes e aos capitalistas forasteiros. A consequencia da reforma das contribuições era ficar a fidalguia despojada da sua principal riqueza; e a cidade, que no tempo do imperador devia apenas duzentos mil cruzados, achar-se de repente onerada com uma divida de oitenta e sete milhões, tinha por isso jus a negar-se ao pagamento de outras sommas, visto o engano com que fôra opprimida! Assim a aristocracia perdia os vinte mil ducados, que formavam o patrimonio de cada um dos seus membros, quando alcançava o grau de eleito! Depois d'isto é claro que o odio entre ella e o povo devia augmentar-se, e as duas facções nada esqueciam para se hostilizarem, procurando supplantar-se á custa de todos os sacrificios.

O governo vivia de interesses iguaes aos da nobreza, e era natural por isso que em quanto o obrigavam a mostrar bom rosto á má fortuna, empregasse occultamente os seus agentes e recursos para semear a discordia e a desconfiança no seio da colligação popular. O vice-rei tratava com ella; mas os factos provaram que a sua boa fé tinha muito de equivo-ca. No coração jurava a ruina dos atrevidos peões, que ousavam curval-o á sua vontade, e prender-lhe as mãos, fazendo-o passar por baixo do jugo de condições affrontosas. Um homem era a alma e a intelligencia da revolução; destruido elle a cabeça caía, e o tronco sem direcção depressa se desmembraria. Por isso tanto a auctoridade, como a fidalguia puzeram o seu odio em Thomaz Aniello, resolvendo immolal-o ao restabelecimento do seu imperio.

A reacção principiou, tentando-se o povo com peitas; a corrupção porém encontrava resistencias. Os plebeus recusavam o ouro, respondendo que com tres carlins (120 réis) tinha cada napolitano a subsistencia diaria. Da sua parte o chefe não se mostrava menos inteiro, rejeitando as promessas com esta bella resposta: «façam justiça ao povo, a quem obedeço, aquiete-se elle, e darei o meu cargo por findo, voltando alegre á vida que sempre tive. Tornarei a pescar com a minha canna.» N'estes termos os inimigos da reforma decidiram que não havia remedio se não ferir um golpe audaz; escolhendo para o descarregar a occasião em que o duque de Arcos vinha ao mercado jurar as capitulações. Urdiram o plano, dispozeram os instrumentos, e designaram para cabeça da empresa o mesmo Perrone, que por ciúme a Masaniello, e devoção á casa de Matalona se offerecêra já para assassinar o chefe popular no sitio mais publico. A recompensa promettida eram dez mil ducados, uma companhia de infantaria, e o perdão de todos os seus crimes. Eis a lealdade com que o duque aceitava o pacto, e o ia firmar!

Thomaz Aniello descobriu a conspiração e preveniu-se. Os bandoleiros apostados para o matarem estavam embuscados no Carmo, d'onde saíram a signal dado, desfechando sobre elle dez arcabuzes, que não lhe acertaram. Em um momento os bandos do mercado envolveram os sicarios, crivaram de feridas a Perrone e aos seus sequazes, e correndo ao mosteiro de Santa Maria a Nova, aonde José Carraffa e muitos da sua facção esperavam o exito do homicidio para romperem, puzeram-lhe cerco, e colheram um emissario que expediam ao vice-rei, pedindo que mandasse disparar para o ar a artilheria do castello. Carraffa traçou fugir, mas foi preso e decapitado no mercado, assim como o sargento-mór Bernardino Grasso.

(Continúa.)

#### A INSTRUÇÃO PRIMARIA NA INGLATERRA.

O SYSTEMA de instrucção primaria adoptado em Inglaterra é inteiramente diverso do de todas as outras nações. A Portugal não podemos referir-nos, porque infelizmente não temos instrucção racionalmente organizada.

É uma vergonha, que todo o escriptor lamenta, mas que não deve occultar, porque em sua missão, toda civilisadora, não póde ser indifferente ao aperfeiçoamento moral d'um povo. Vamos dar alguns esclarecimentos sobre o methodo porque na Gran-Bretanha se acha organizado o ensino, que tem por fim promover o desenvolvimento intellectual e moral das *massas*.

Insistir sobre a necessidade, e a importancia da instrucção, é uma d'aquellas banalidades, que enfatiam por demasiado repetidas. Nos paizes, em que o governo repousa á sombra e sob a salvaguarda da soberania popular, é essencialmente indispensavel, que o povo seja illustrado, moral e religioso. Não é só o interesse da humanidade, que o reclama, é tambem uma garantia, uma necessidade da ordem publica. Na Inglaterra, aonde não existe o suffragio universal, não é tão palpitante a defficiencia do ensino, no ponto de vista politico. Todavia na Inglaterra multiplicam-se cada dia os esforços para a sua mais larga propagação; a igreja, as corporações, a beneficencia particular, o estado, finalmente, rivalisam nos meios que empregam para que cada vez mais se desenvolva, e em maior escala o ensino popular.

Duas sociedades principaes, (1) exercem uma influencia decisiva sobre o desenvolvimento da instrucção primaria no Reino-Unido; a sociedade nacional (*National Society*) e a sociedade ingleza e estrangeira (*British and foreign Society*). Ambas proseguem com o zêlo mais incansavel n'este grandioso pensamento, — a diffusão da instrucção pelas classes pobres; mas entre estas duas grandes associações ha uma differença fundamental na applicação; uma é inteiramente ligada com a igreja, e a outra recusando toda a formula dogmatica, não se restringe ao limitado circulo de um symbolo. A primeira não admite escolas mixtas; é uma poderosa arma nas mãos do anglicanismo. Para a segunda, a instrucção é simplesmente uma propaganda social; não é só um meio, é um fim.

A sociedade nacional é dirigida por um conselho, que se compõe exclusivamente dos altos dignitarios do anglicanismo, e que se corresponde com os differentes conselhos diocesanos estabelecidos nos differentes pontos do paiz. Escolas normaes formam mestres e mestras. As escolas, que dependem da sociedade são frequentemente visitadas por inspectores especiaes. Finalmente, um jornal, o *Monthly paper*, de que se tiram quatro mil exemplares, representa as idéas, expõe os deveres, e defende os direitos de associação. Em 1850 o numero de escolas, sujeitas á influencia da sociedade nacional, excedia o de 20,000, e o dos alumnos elevava-se a 1.500.000.

Já vimos, que esta sociedade obedece completamente á direcção da igreja anglicana, só abre as suas escolas aos filhos de uma certa religião, de uma seita determinada, porque o seu fim principal é sustentar a unidade e integridade da igreja estabelecida.

Limitada a este circulo estreitissimo, não póde evidentemente satisfazer ás necessidades da instrucção

(1) Mr. Eugene Rendu — Rapports au ministre de l'instruction en France.

popular. A sociedade ingleza e estrangeira, pelo contrario, investida na propaganda, e representando um papel grandioso, recebe alumnos de todas as seitas, de todas as escolas, de todas as communhões. Segundo as informações de mr. Hantute, possui em Londres e arrabaldes 213 escolas, que contam para cima de 300,000 rapazes, estende as suas operações ao estrangeiro, e tem estabelecido escolas nas mais remotas colonias

Independente das escolas normaes, sujeitas á influencia directa d'estas duas grandes associações, cujo fim e caracter explicamos, uma associação especial estabelecida em 1836 sob a protecção da rainha e do principe Alberto, fundou em *Gray's inn road* um sala d'asylo e uma vasta escola, destinada a formar mestres, e sobre tudo mestras habeis e perfeitamente instruidas. Esta sociedade chama-se — *L'homme and colonial school Society* — e admite jovens de ambos os sexos, como alumnos internos e externos; e até familias inteiras; ha simplesmente exclusão dos homens celibatarios. A educação é dada gratuitamente, e na mesma sala, aos educandos de ambos os sexos.

Esta sociedade tem sido objecto de serios estudos para muitos curiosos e pensadores. O facto parece extravagante; se se fallar na educação promiscua, todos se espantam, e alcunham a idéa de immoral. Mas um homem de talento, e que merece inteiro credito por sua imparcialidade, mr. Eugenio Rendu, que por ordem do governo francez foi a Inglaterra estudar e analysar as vantagens e os defeitos d'este systema professional, afirma que isso fôra objecto da sua mais seria attenção. Este costume não é peculiar da sociedade *Gray's inn road*, porque se encontra em outras muitas escolas, e com excellentes resultados.

(Continúa.)

#### BIBLIOGRAPHIA.

*Sobre algumas obras do padre Francisco José Freire.*

ENTRE os mais fecundos e primorosos escriptores dos nossos modernos tempos cabe um distincto lugar ao padre Francisco José Freire, da congregação do Oratorio de Lisboa, mais conhecido pelo Anagramma de Candido Lusitano.

Este douto padre foi um dos que com as suas doutrinas e o seu exemplo mais trabalharam para a restauração do bom gosto e da boa poesia. A sua Arte Poetica, em que refundiu o melhor da de Aristoteles, e quanto melhor haviam expendido os criticos modernos, ás suas Dissertações e outros escriptos sobre bellas letras, as suas annotações á Poetica de Horacio, as suas orações academicas e panegyricas tiveram influencia directa no espirito dos seus contemporaneos, e assim pôde ajudar os trabalhos de Garção, de Antonio Diniz, de Quita, e muitos outros Arcades, que como elle fizeram guerra de extermínio ao gongorismo.

Com a sua vida do infante D. Henrique se collocou a par dos nossos mais afamados historiadores.

Seria ocioso insistir mais nas suas obras de prosa todas escriptas em estylo puro, farto e harmonioso.

Sem que seja um poeta de genio tem na poesia um talento não mediocre que lhe deu grande consideração entre os Arcades. Os seus versos latinos mostram o ponto de perfeição a que levava o conhecimento da lingua do antigo Lacio.

O padre Francisco José Freire estava, e quanto a mim com muito juizo, persuadido de que o meio mais efficaç para restaurar entre nós o bom gosto em poesia era a traducção na linguagem patria dos melhores poemas gregos e latinos; e como praticava sempre o que ensinava, deu-se a essas arduas tarefas, e traduziu em verso portuguez quasi todas as tragedias de Sophocles e Euripedes, a Eneida de Virgilio, e as Metamorphoses de Ovidio, além de outras obras menos importantes, e outras dos modernos como a *Athalia* de Racine, a *Merope* de Maffei, etc.

Desgraçadamente estas obras não foram publicadas, ficando a Eneida e a Merope, segundo dizem, na livraria da casa de Vimieiro, e as outras na bibliotheca de Evora, até que haja algum zeloso da gloria litteraria d'este reino que de lá as desenterte, para as dar á luz, como aconteceu ás poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva que tambem jaziam na livraria vimieirense.

E chegará esse dia de resurreição poetica? Talvez, porém muito o duvidamos. E tal a inercia dos nossos impressores e livreiros que muito difficil será que a tal empresa se abalance algum d'elles.

Consta-nos que por mão de alguns curiosos existem cópias da traducção das Metamorphoses feita por este douto padre, e essa traducção era a que convinha publicar, sequer para nos remirmos da vergonha de sermos a unica nação europea que não tem em sua lingua uma traducção em verso das Metamorphoses de Ovidio.

E não será uma vergonha para a litteratura portugueza o termos traduzidas ás melhores tragedias de Euripedes, de Sophocles e de Seneca, por uma habil mão, e não correrem impressas, como convinha aos mancebos que se applicam a escrever para o theatro, e que não sabem grego, já que desgraçadamente tão pouco cuidado se põe em que os mancebos se applicuem ao estudo do mais bello dos idiomas da antiguidade, e sem cujo conhecimento não é possivel saber bem latim?

Tambem fôra muito para desejar que se imprimisse o poema didactico original do padre Francisco José Freire, que tem por titulo o *Mentor Fidolfo*, em que se encontram os mais judiciosos preceitos de critica, e valiosas reflexões sobre a arte de bem escrever em prosa e verso, expressados em culto estylo e florida e corrente versificação.

D'esta obra não faltam cópias pelas mãos dos curiosos, e por isso não offereceria grande difficuldade o descobrir uma para por ella se fazer uma edição, que não seria dispendiosa, pois que o manuscrito pouco mais excede a mil versos.

Temós perdido tantas preciosidades litterarias pela pobreza ou preconceitos dos seus auctores, pela incuria e desleixo dos seus herdeiros, que nunca cessaremos de clamar pela impressão de todas as que appareçam, ainda que estamos persuadidos de que serão baldados os nossos esforços.

J. M. DA COSTA E SILVA.

— Muitos confundem a vaidade, o amor proprio e o orgulho. O amor proprio é necessario; é do amor proprio bem entendido que provêm a honra, a decencia, a honestidade. A vaidade nada pôde produzir de util; e do orgulho não espereis senão vicios.

J. B. ROUSSEAU.

— Pôde definir-se o vicio: o sacrificio do futuro ao presente.

J. B. SAY.